

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

**ANA CAROLINA GOMES CUNHA**

**A MICRO-HISTÓRIA EM PERSPECTIVA: olhares de Professores de História do  
Município de Codó – MA sobre a abordagem microanalítica.**

**CODÓ/MA**

**2024**

**ANA CAROLINA GOMES CUNHA**

**A MICRO-HISTÓRIA EM PERSPECTIVA: olhares de Professores de História do  
Município de Codó – MA sobre a abordagem microanalítica.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-História da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, como requisito para a obtenção do título Licenciado em Ciências Humanas-História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Alexandre Isidório Cardoso

CODÓ/MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Gomes Cunha, Ana Carolina.

A micro-história em perspectiva: olhares de professores de história do município de Codó-MA sobre a abordagem microanálitica / Ana Carolina Gomes Cunha. - 2024.

42 p.

Orientador(a): Antonio Alexandre Isidio Cardoso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2024.

1. Micro-história. 2. Teoria. 3. Historiografia. 4. Historiadores. 5. Ensino de História. I. Isidio Cardoso, Antonio Alexandre. II. Título.

**ANA CAROLINA GOMES CUNHA**

**A MICRO-HISTÓRIA EM PERSPECTIVA: olhares de Professores de História do  
Município de Codó – MA sobre a abordagem microanalítica.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-História da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, como requisito para a obtenção do título Licenciado em Ciências Humanas-História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antonio Alexandre Isídio Cardoso  
Universidade Federal do Maranhão  
(Orientador)

---

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva  
Universidade Federal do Maranhão  
(1º Examinador)

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Cinthia dos Santos Moreira  
Universidade Federal do Maranhão  
(2º Examinadora)

*Dedico a minha trajetória até aqui á  
pessoa mais importante da minha vida,  
minha mãe. Obrigada por me ensinar que  
devemos lutar por nossos sonhos, que  
não devemos baixar a cabeça para  
ninguém, seguir firme até conquistá-los,  
que tudo tem seu tempo, que nada nessa  
vida é fácil, e que Deus sempre nos ouve.  
Obrigada por me oferecer o seu melhor,  
sempre, lhe amo muito!*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade de viver este momento e de ter me formado em uma Universidade pública, agradeço também a minha mãe, que jamais mediu esforços para dar aos meus irmãos e eu, o melhor, que sempre batalhou para criar 4 filhos e se manteve firme no papel de mãe e pai, enfrentou muitas lutas para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada aos meus amigos e professores que confiaram em mim, tiveram paciência com minhas inseguranças em sala de aula e me apoiaram e me ensinaram, meu muito obrigada.

Agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior), que disponibilizou programas como o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência), e o Residência Pedagógica, para que eu e outros discentes ampliassem suas visões em sala de aula e se aperfeiçoassem como profissionais bem capacitados.

## RESUMO

No campo da micro-história, o micro não significa ser pequeno, mas representa a redução da escala de observação. É uma metodologia de pesquisa que trata de casos particulares, os quais exercitam o individual e o coletivo, ou seja, a atitude de um indivíduo inscrita nos modos de pensar e comportamentos a partir do meio e do tempo em que vive em determinado período histórico. A justificativa para esta pesquisa refere-se ao fato de durante meus estágios perceber o quão vago estava sendo uma explanação sobre o papel do historiador sobre a pesquisa na área da micro-história. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação da micro-história e o papel do historiador em sala de aula, seus dilemas, conceituados/entendidos pelos professores de história do município de Codó – MA; e como objetivos específicos, buscaremos apresentar o conceito de micro-história, detalhando seus impasses e a importância dentro da historiografia, analisando a importância do historiador com o trabalho das fontes históricas e buscando entender como os professores de história desenvolvem essa temática em sala de aula. O trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro faremos uma breve contextualização da micro-história, abordando alguns dos seus principais autores, vide o caso de Natalie Zemon Davis, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg. Trataremos, na sequência, da diversidade de fontes potencialmente trabalhadas no campo da micro-história. No segundo capítulo (e último capítulo) faremos uma discussão dos resultados da interlocução com docentes de Codó sobre as abordagens microanalíticas em temas históricos.

**Palavras-chave:** Micro-história; Teoria; Historiografia; Historiadores; Ensino de História.

## **ABSTRACT**

In the field of microhistory, micro does not mean being small, but represents the reduction of the scale of observation. It is a research methodology that deals with particular cases, which exercise the individual and the collective, that is, the attitude of an individual inscribed in the ways of thinking and behaviors based on the environment and time in which they live in a given historical period. The justification for this research refers to the fact that during my internships I realized how vague an explanation about the role of the historian in research in the area of microhistory was being. This research has the general objective of analyzing the relationship between microhistory and the role of the historian in the classroom, their dilemmas, conceptualized/understood by history teachers in the city of Codó – MA; and as specific objectives, we will seek to present the concept of microhistory, detailing its impasses and importance within historiography, analyzing the importance of the historian in the work of historical sources and seeking to understand how history teachers develop this theme in the classroom . The work is divided into two chapters. In the first one, we will briefly contextualize microhistory, addressing some of its main authors, see the case of Natalie Zemon Davis, Giovanni Levi and Carlo Ginzburg. We will then discuss the diversity of sources potentially used in the field of microhistory. In the second chapter (and last chapter) we will discuss the results of the dialogue with teachers from Codó about microanalytical approaches to historical themes.

**Key words:** Microhistory; Theory; Historiography, Historians; Teaching History.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>09</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1: Ampla visão da micro - história</b> .....	<b>11</b>
1.1 Do indivíduo para acessar o coletivo.....	<b>16</b>
1.2 Diversidade de fonte .....	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 2: Perspectivas elencadas por professores da educação básica sobre a micro - história</b> .....	<b>20</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>37</b>
<b>APÊNDICE</b> . .....	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A micro-história em seu sentido mais amplo é a pesquisa sobre casos da história com uma abordagem mais antropológica ou o que antes não era tratado pela história macro. Na micro-história, o micro não significa ser pequeno, mas representa a redução da escala de observação. É uma metodologia de pesquisa que trata de casos particulares, os quais exercitam o individual e o coletivo, ou seja, a atitude de um indivíduo está inscrita nos modos de pensar e comportamentos a partir do meio e do tempo em que vive em determinado período histórico.

A justificativa para esta pesquisa refere-se ao fato de durante meus estágios perceber o quão vago estava sendo uma explanação sobre o papel do historiador sobre a pesquisa na área, no caso específico da micro-história, observando as escalas da abordagem dos conteúdos, sem maiores aprofundamentos sobre o contexto e os sujeitos envolvidos.

A partir deste ponto, propusemos como objetivo geral, analisar a relação da micro-história e o papel do historiador em sala de aula, seus dilemas, conceituados/entendidos pelos professores de história do município de Codó – MA. Como objetivos específicos, buscaremos apresentar o conceito de micro-história, detalhando seus impasses e a importância dentro da historiografia, analisando a importância do historiador com o trabalho das fontes históricas e buscando entender como os professores de história desenvolvem essa temática em sala de aula.

O trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro faremos uma breve contextualização da micro-história. Vamos trabalhar alguns dos principais autores da micro-história, vide o caso de Natalie Zemon Davis, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg, respectivamente. Trataremos também da diversidade de fontes potencialmente trabalhadas no campo da micro-história, quais sejam, fonte oral, escrita, fotográfica e documentos oficiais. No segundo capítulo, faremos uma discussão e análise dos resultados que conseguimos ao aplicar nesta pesquisa, no caso especificamente da prática dos professores da rede pública com a micro-história

A experiência obtida com este trabalho me fez desenvolver mais disciplina e dedicação para leituras densas e uma busca constante por um melhor aperfeiçoamento da escrita, coisas das quais não eram um hábito. A trajetória na UFMA pôde proporcionar

um desenvolvimento intelectual, porque quando me encontrava limitada na hora de buscar informações ou me sentia incapaz de produzir algo, pude contar com a ajuda dos professores para encontrar dados necessários para a realização do trabalho monográfico.

## **METODOLOGIA**

No início parece difícil ter esta visão do processo de aprendizado, porém, com base nas pesquisas bibliográficas foi possível enfrentar as dificuldades no momento da elaboração e execução de tarefas, com o tema abordado por exemplo, que é a micro-história, e também seus progressos quando executados juntamente com os alunos dentro da sala de aula e nos estágios. A habilidade de cada docente, mesmo que com pouco tempo devido a carga horária e os conteúdos que devem ser ministrados ao decorrer do ano, em junção a falta de material didático, os quais trariam mais qualidade no momento de aprendizagem dos estudantes, são de suma importância na condução das aulas e a absorção do conteúdo, lições estas das quais podemos adquirir e buscar melhorar quando for ministrar em sala.

Nesta etapa, escolhemos como método de aquisição de dados um questionário semiestruturado contendo 9 questões abertas para livre expressão dos participantes, esse questionário foi aplicado com 15 docentes de história que lecionam no município de Codó – MA, porém, somente 10 docentes nos entregaram os questionários respondidos. As escolas das quais os professores fazem parte, os quais responderam o questionário são escolas da rede pública sendo elas: Centro de Ensino Colares Moreira, Centro de Ensino Reitor Ribamar Carvalho, Centro de Ensino Luzenir Matta Roma, e a Escola Municipal Prefeito Henrique Figueiredo. Sendo a última de ensino fundamental.

Os professores que participaram desta pesquisa, foram alguns colegas que conheci durante meu curso na Universidade e que ainda mantinha contato com eles, ex-professores meus e alguns supervisores de estágio, na qual imprimi os questionários e estes foram entregues a eles, no entanto, haviam professores que o acesso a eles foi muito difícil, mas mesmo assim, facilitei suas participações, enviando o questionário via WhatsApp ou e-mail.

Após a entrega dos questionários, solicitei a eles, que me entregassem a devolutiva do questionário em um prazo de 10 dias, e assim aconteceu, os que responderam o questionário impresso, me direcionei até eles no tempo estipulado e ocorreu tudo bem, embora houve alguns que infelizmente não obtive a devolutiva, isto se deve porque o prazo tenha sido curto ou não tenham entendido realmente sobre o tema.

Para iniciarmos este trabalho, antes de passar a análise dos resultados dos

questionários, vamos apresentar as linhas gerais do campo teórico da micro-história com base em levantamento e análise bibliográfica, tratando das principais linhas de pensamento de alguns autores que se inscrevem no campo da micro-história quais sejam, Revel (1998), Davis (1987), Levi (2000), Ginzburg (1989; 2006), em seguida, apresentamos os diversos tipos de fontes existentes.

## **CAPÍTULO I: Ampla visão da micro-história**

É de suma importância para todo pesquisador ao escrever sua pesquisa, ou projeto de pesquisa, descrever os métodos utilizados para alcançar seus objetivos pretendidos, de modo a nortear o leitor sobre o passo-a-passo de sua pesquisa, com isso, neste início de capítulo descreveremos alguns pontos norteadores de uma abordagem qualitativa de corte bibliográfico.

De acordo com Revel (1998), a micro-história se originou em um projeto de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi na revista *Quaderni Storici*, na editora Einaudi, intitulada *microstorie* no ano de 1980, na Itália. Em seus primeiros passos a micro-história teve um grupo reduzido de intelectuais, entre antropólogos e historiadores, que se perguntavam entre pontos distintos e comparativos entre as duas ciências sociais, as quais puderam encontrar interessantes convergências, suscitando questionamentos essenciais que as interligavam em seus conhecimentos.

Antropólogos e historiadores adquiriram, portanto o hábito de se ler e de se encontrar, às vezes em torno de projetos definidos em comum, em geral para fazer o balanço de uma confrontação que nunca chegou a uma verdadeira estabilização (nem, reconhecamos, procurou chegar a uma codificação um pouco mais rigorosa: poderemos ver aí, se quisermos um sinal do empirismo obstinado da corporação dos historiadores) (Revel, 1998, p.08).

Segundo Revel (1998), podemos observar que a micro-história flui de diversos temas e objetos em uma pesquisa, e que sua trajetória de abordagem pode mudar toda a forma e trama de acordo com sua escala e alterar o conhecimento nela envolvido. As percepções encontradas nas pesquisas são relevantes por conta de como ela é acessada, de acordo com a mensuração de sua escala, sua observação se modifica, proporcionando interessantes possibilidades de análise. A noção de escala, bastante utilizada na geografia, guarda o sentido de observação mais distante ou mais aproximado de determinado objeto, que ajudam a compor seu mapa, a depender da escala a imagem e o conteúdo do objeto se transformam, demonstrando em riqueza de detalhes a complexidade de cada escala de aproximação ou distanciamento do objeto. No caso da História, esse exercício é de grande

valia para compreender e relacionar elementos do contexto histórico e da ação (e intervenções) dos sujeitos históricos inscritos em determinado contexto, ou seja, possibilitando o exercício de mudanças de escala na abordagem, do macro para o micro, e vice-versa.

A abordagem micro-histórica é profundamente diferente em suas intenções, assim como em seus procedimentos. Ela afirma em princípio que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos. Variar a escala objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama (Revel, 1998, p. 20).

Para Alves, et al (2014), a micro-história na historiografia propõe observar detalhes que na história geral ficam implícitos, mas que são bem analisados nesta forma de escrever a história tendo uma rede de informações nas densas documentações podendo entender como funcionavam os sistemas nos períodos em que foram escritos os registros históricos. Com a escala reduzida é possível observar como eram feitos os processos criminais dentro de uma determinada sociedade, quais regras e punições eram estabelecidas de acordo com a época, como eram colhidos os dados sobre as pessoas que poderiam sofrer uma discriminação ou até mesmo alguém que cometesse um delito. As inúmeras informações que se podem obter com toda a gama de documentos e as demais fontes desta forma de produzir historiografia são de suma importância para se ter noção de como as antigas populações e diferentes regiões mudaram e que puderam nos conceder estes ricos detalhes.

Este novo método possibilitou ver a história do ponto de vista de baixo, de personagens da história que antes não tinham vez, que eram desprezados pelas historiografias acostumadas a falarem de feitos pelas pessoas da elite, políticos, “heróis”, clérigos (Alves, et al, 2014).

A seguir trataremos dos principais autores e abordagens, distinguindo suas obras, fruto do levantamento bibliográfico de caráter qualitativo.

### **Carlo Ginzburg: O queijo e os vermes.**

O livro o queijo e os vermes de Carlo Ginzburg nos apresentam a forma que um indivíduo, camponês, numa área rural da Itália teve acesso a leituras diversas, construindo uma interpretação *sui generis* de explicações religiosas sobre o surgimento da vida e de dogmas católicos.

Carlo Ginzburg é um historiador italiano, conhecido por ser um dos pioneiros no estudo da micro-história. Nascido em 15 de abril de 1939 (idade 85 anos), Turim, Itália

escritor da obra *O queijo e os vermes*, além dela escreveu outros livros: *Os Andarilhos do bem*, *Mitos*, *emblemas e sinais*, *História noturna*, entre outros. Foi professor na Universidade de Bolonha, Harvard, Yale, Princeton, Califórnia e Los Angeles. Desde 2006 ocupa a cadeira de História Cultural europeia na Escola Normal Superior de Pisa – Itália.

Resumindo a obra de Ginzburg (1939), ela retrata que a inquisição acusou Menocchio, um camponês leitor, de atormentar a comunidade com seus supostos delírios e falas compostas de contradições sobre a igreja e a formação do mundo, que segundo ele tinha surgido da putrefação de queijo ou massa gigante, afirmando que os anjos surgiram assim como os vermes aparecem no queijo podre, o que deixou religiosos atônitos no século XVI, posicionando-o como herege. Sua noção de religião e clérigos, com suas hierarquias e ordenamentos, era bastante crítica, pois segundo seu pensamento, com base em diversas leituras à época consideradas heréticas, Deus não fazia acepção de pessoas.

A metodologia micro-história pôde trazer à obra de Ginzburg um obscuro camponês e suas leituras do século XVI, através de uma minuciosa leitura de um processo da inquisição, mostrando uma outra escala do contexto religioso da época. Assim, tal procedimento historiográfico guarda informações de pessoas comuns que tiveram suas histórias silenciadas, porém com detalhes curiosos que mexeram com a comunidade dos personagens descritos.

### **Giovanni Levi: A herança imaterial**

Giovanni Levi, renomado historiador italiano, nasceu em Milão no dia 29 abril de 1939, da idade de 85 anos, filho de Ricardo Levi um militante no grupo antifascista *Giustizia*. Giovanni um dos representantes da micro-história. Foi autor das seguintes obras: *Centro e periferia di uno stato assoluto* (Torino, Rosenberg, 1985); *L'eredità immateriale* (Torino, Einaudi, 1985; traduzido ao português com o título *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000); *Storia dei Giovani* (Bari, Laterza, 1994; com tradução para o português: *História Jovens*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, 2 volumes). Codirigindo, junto a Jean-Claude Schmitt.

*Herança imaterial* é uma obra do autor Giovanni Levi que trata de um simples pároco que exerce a função de um exorcista no Piemonte no século XVII, este homem é Giovan Battista Chiesa que obteve em seu período de padre uma função de ajudar as pessoas com seus desequilíbrios psicológicos, deficientes desde nascença e até mesmo de

peessoas que se diziam que não tinham sorte na vida.

A igreja não aceitava o que Giovan fazia, mas grande era a população que vinha em busca dos seus serviços de exorcista. Giovan Batista afirmava que de 10 mil pessoas, 9 mil sofriam de possessão espiritual, o que muitos alegavam era que o exorcista realmente curava o que outros diziam ao contrário ou alegavam não saber. Giovan não aceitava dinheiro, mas passou a ir a algumas cidades exorcizar aqueles que sofriam algum mal, e em seu caderno de anotações havia muitas pessoas que foram tratadas por ele, até mesmo animais passavam por seus serviços.

A obra foi traduzida para o francês quatro anos depois de sua publicação em italiano com o título *L'eredità immateriale*. A herança imaterial anunciada por essa fórmula cristalina e secreta é, como logo saberemos, a do poder no interior de uma comunidade rural reinserida em seus diversos contextos. Teremos ocasião de voltar a isso. Mas é conveniente lembrar que o livro foi publicado na coleção “Microstorie” (Micro-histórias), que seu autor, Giovanni Levi, dirigiu com Carlo Ginzburg.

**Natalie Zemon Davis:** O retorno de Martin Guerre.

Publicado originalmente em 1982 e em 1987 publicado para português. Na obra, a autora Natalie Zemon Davis aborda o retorno de um homem que abandonou sua família e seus bens materiais para viver uma vida diferente do que tinha, e ao retornar, se depara com um impostor vivendo sua vida em seu lugar origem.

Natalie Zemon Davis, historiadora, pesquisadora, canadense, casada com Chandler Davis, mãe de três filhos. Foi professora em muitas universidades renomadas, ela obteve o doutorado pela University of Michigan em 1959. Faleceu em 21 de outubro de 2023. Em vida ganhou alguns prêmios, sendo um deles a medalha nacional de humanidade, em 2012 pelo ex-presidente Barack Obama. Algumas de suas obras mais famosas são: *The return of Martin Guerre*, *Trickster Travels: A Sixteenth-Century Muslim Between Worlds*, *Histórias de perdão*, *Nas margens*, *Culturas do Povo*. *Sociedade e Cultura no Início da França Moderna*.

O retorno de Martin Guerre é resultado de pesquisa sobre o século XVI na França e que através de documentos oficiais foram possíveis ter alguns detalhes de como se passou este fato e como moveu toda a comunidade e família dos envolvidos. Segundo Davis no relato do documento do processo aberto para investigar o caso é descrito;

Cento e cinquenta pessoas desfilaram durante o processo em Rieux. Nas duas dioceses, em todas as aldeias, as pessoas se perguntavam como fazer para afirmar quem era um homem - um homem arrancado do contexto cotidiano dos campos e da família, agora exposto na sala da corte de Rieux. Todas, ou quase todas as testemunhas do Artigat, concordavam sobre um, e apenas um,

ponto: quando o prisioneiro apareceu entre elas, cumprimentara-as cada qual pelo seu nome e lembrara-lhes coisas exatas que tinham feito juntos em circunstâncias precisas muitos anos antes (Davis, 1987, p.88).

Esta obra possui muitas curiosidades, tais como: Como Bertrand, esposa de Martin Guerre, não percebeu que o outro homem era um impostor? Porque o Martin Guerre mudou tanto, a ponto de perder algumas expressões do seu idioma materno. E a esgrima da qual era muito bom quando rapaz e em sua retomada a vida antiga perdera o jeito com esse esporte? Como Arnaud du Tilh soube tantas informações daquela comunidade e arredores se a obra não deixa claro que o impostor e Martin se conheciam.

Arnaud du Tilh o impostor, ficou por um breve período em uma região vizinha, antes de chegar a Artigat, provavelmente para se basear no que poderia falar a família, muitos ficaram felizes por ele ter voltado, mas alguns não acreditaram de imediato, porém este soube falar sobre tantas informações pessoais que não podiam sustentar a desconfiança. Arnaud ao se encher de conhecimento sobre o lugar e as pessoas que lá moravam, soube se passar muito bem por Martin Guerre.

O novo Martin não se dirigiu diretamente a Artigat. Como registra Le Sueur, instalou-se na hospedaria de uma aldeia vizinha, provavelmente Pailhes. Contou ao hospedeiro que era Martin Guerre e derramou lágrimas ao ouvir notícias de sua mulher e família (Davis, 1987, p.61).

A desconfiança era de poucos, por causa da sua aparência que havia muita semelhança a de Martin, além disso; já havia muitos anos que o real dono de família já havia ido embora, então sua feição poderia ter mudado bastante com o passar dos anos. O que questionado era sobre o tamanho de seus pés que havia mudado de tamanho, algo que o sapateiro da região dizia que era impossível isso acontecer, com toda sua experiência ao longo do tempo. O calçado de uma pessoa não muda o tamanho, era o que dizia o sapateiro da família, algo que intrigava o funcionário. Essas e outras dúvidas surgem quando se lê o retorno de Martin Guerre de Natalie Zemon Davis.

Arnaud du Tilh não conseguiu seguir como impostor, pois o verdadeiro Martin Guerre voltara da guerra, por já não ter mais sua agilidade em guerra, com seus dias de glória muito distante da realidade, de alguma forma decidiu voltar para a antiga vida na cidade de Artigat.

Enquanto combatia (seja sob as ordens do seu superior Pedro, na cavalaria ligeira, seja na infantaria), Martin atravessou sem um arranhão os primeiros dias do bombarde à cidade da Picardia. Depois veio o dia 10 de agosto, o dia de São Lourenço, em 1557, quando os exércitos de Filipe II puseram em debandada as tropas francesas vindas em socorro à cidade sitiada, massacrando muitos soldados e fazendo prisioneiros, entre os quais o condestável de França. "Recolheu-se grande botim, armas, cavalos, correntes de ouro, prata e outras

coisas", anotava em seu diário um espanhol. Pedro de Mendoza fez dois prisioneiros, oficial dos quais extraiu um resgate de 300 escudos. Quanto a Martin Guerre, um arcabuz francês antingiu-o na perna. Amputaram-na. Acabavam-se seus dias de agilidade (Davis, 1987, p.44).

### **Um excelente farsante, se não fosse à volta inesperada.**

Mas o que diziam era menos tortuoso: apesar de todos os testemunhos relativos à sua boca, sobrancelhas e nariz, o réu parecia-se realmente com Martin Guerre. “Não estavam certos de sua identidade e, num caso de tamanha gravidade, como ousariam ser categóricos?” (Davis, 1987, p.89);

Se a mulher de Martin Guerre estava dilacerada, o novo Martin nunca pareceu tão seguro de si mesmo quanto durante esse processo. Sob as luzes da ribalta, todos os seus talentos mobilizados para provar sua identidade, não cometeu o menor deslize, fosse descrevendo as roupas que cada convidado usava no dia do casamento de Martin Guerre ou contando como, na calada da noite, insinuara-se no leito onde Bertrande dormia com sua prima. Não poupava detalhes sobre suas atividades na França e Espanha após a partida de Artigat (Davis, 1987, p.90-91).

Mesmo com tudo indo muito bem, em todo o processo no tribunal, infelizmente a volta inesperada aconteceu, e veio ao fim a farsa de Arnaud du Tilh;

La Tournelle estava prestes a apresentar sua sentença final, com as opiniões "mais dispostas a favor do prisioneiro e contra os ditos Pierre Guerre e de Rols" quando um homem com perna de pau apresentou-se nas dependências do Tribunal de Toulouse. Disse que seu nome era Martin Guerre e pediu para ser ouvido (Davis, 1987, p.103).

Arnaud du Tilh, o impostor não conseguiu seguir com a farsa, pois o verdadeiro Martin Guerre retornou a Artigat, exigindo as consequências da fralde, e o caso seguiu então com a condenação do farsante. Ainda que muitos não pudessem com certeza afirmar se era impostor ou não, quando a verdade apareceu, a condenação por vez também veio.

### **3.1 Do indivíduo para acessar o coletivo**

A distinção do individual não é considerada incoerente a do social, pois torna provável as diversas abordagens, principalmente porque permite que o caminho específico- do acaso de um homem, uma comunidade, e suas variadas relações, dos espaços e dos tempos sejam múltiplas nas quais se inscreve. (Revel, 2000).

De certo modo, A análise micro-histórica, possui dois ângulos, por causa do seu uso em pequena escala, na qual torna a reconstituição dos fatos vividos às abordagens historiográficas. As quais reconhece estruturas invisíveis a esse vivido. Tornando possível

e percebendo assim o fato de maneira reconstituída (Revel, 2000).

Seguindo o fato do ser historiador, Revel (2000) destaca que:

Todos sabemos que os historiadores devem se esforçar para construir seu objeto, mas muitas vezes tiramos disso conseqüências medíocres. Por terem escolhido fazer variar de forma sistemática e controlada o foco de sua lente, os micro-historiadores têm em comum a qualidade de estarem, talvez mais do que outros, atentos à construção do real e ao papel que aí desempenham o observador e seus instrumentos (Revel, 2000, p.19).

O historiador necessita construir seu objeto, mas de forma controlada e sistemática tiram conseqüências pequenas, os micros - historiadores por algum viés mais do que outros estão atentos à construção do real e ao papel que aí desenvolvem o olhar e seus meios. O prestígio e o poder local muitas vezes parecem se limitar ao pagamento de algumas taxas como mercadorias, galos ou ir na igreja aos domingos, mas isso não tem a menor importância se tratado juntos, há contornos de um grande jogo social e político que é o que realmente importa.

Segundo Revel (2000), quando tratamos de uma herança imaterial, nos referimos a divisão de um passado ou memória que antes julgávamos ter conhecimento e que deve ser lida de forma minuciosa para que todas as informações possam ser claras e ordenadas. Fazendo isso, contraria as outras duas formas de fazer análise, o modelo funcionalista e o estruturalista, dessa forma, compreende-se que o exorcista não se trata nem do Giovan Battista Chiesa e nem da comunidade de Santena, mas se trata de algo imaterial e ubíquo que justifica essas condutas e preferências: a hesitação.

Quando se fala de Santena, o livro se refere a uma modesta aldeia e Giovan Battista Chiesa um padre considerado exorcista. No entanto, situações enfrentadas por uma comunidade local estão conectadas a feitos ligados a política e a economia que de modo geral, estão fora de controle quando estão em suas mãos (Revel, 2000).

### **DIVERSIDADE DE FONTE: Fonte oral, escrita, fotográfica, documentos oficiais**

As fontes históricas assumem uma posição de viagem no tempo na vida de um historiador, já que ele estuda acontecimentos e povos que já desapareceram, mas que de certa forma, deixaram seu legado e sua importância para a sociedade atual, logo, podemos dizer que eles visitam um momento do passado (Barros, 2020).

Como uma das fontes históricas podemos aqui citar a fonte oral, esta é representada por meio de entrevista ocorrente entre o historiador e a interlocutor, nesse momento, existe um trocadilho de perguntas, respostas e olhares e para que aconteça de forma significativa, é necessário existir entre ambos, uma relação, para que se sintam à

vontade e deixem transcender a verdadeira história narrada (Portelli, 2016).

No entanto, para que um historiador consiga transpor ao leitor ou ouvinte sua pesquisa, é necessário que ele saiba escolher suas fontes históricas e opte por aquela que melhor representa suas escolhas metodológicas, (Pinsky, et al, 2008). Diante disso, Bacellar, et al (2008) destacam as fontes documentais descrevendo sobre o uso dos diversos tipos de arquivos, no qual, nenhum tipo de arquivo deve ser deixado de lado, é importante conhecê-los, para que, em determinado momento de uso o historiador tenha sabedoria ao optar pelo arquivo que melhor o auxiliará a alcançar seu objetivo pretendido.

No capítulo fontes documentais, uso e mau uso dos arquivos, escrito por Bacellar, et al (2008) podemos encontrar os Arquivos do Poder Executivo, nos quais os documentos que podem ser utilizados são: Ofícios e requerimentos; Listas nominativas; Matrículas de classificatórias de escravos; Listas de qualificação de votantes; Documentos sobre imigração e núcleos coloniais; Matrículas e lista de frequências de alunos; Documentos utilizados pela polícia; Documentos sobre as construções públicas e Documentos sobre terras. Seguindo a classificação de arquivos, tem-se também os Arquivos do Poder Legislativo, que, nos quais podem ser: Atas e Registros, tem-se também os Arquivos do Poder Judiciário que são os Processos Cíveis, Testamentos e inventários e os Processos criminais;

A importância dos arquivos judiciários para a pesquisa histórica é bastante evidente, apesar do descaso com que o Poder Judiciário insiste em tratar os acervos que acumulou ao longo dos séculos. É possível encontrar partes da documentação judiciária em arquivos públicos, principalmente no que diz respeito ao período colonial. De forma geral, estão disponíveis grandes séries de inventários e testamentos, autos cíveis e autos crimes (Bacellar, 2008, p.35).

É notável que as documentações nem sempre possuem o devido cuidado de preservação, dificultando seu acesso na hora da pesquisa histórica, com isso, perde-se muito no poder das informações da história que deixam de lado memórias e detalhes que podem ser observados pelas atuais e futuras gerações; sobre acontecimentos, leis e deveres dentro da sociedade que foram e podem ser usados para os demais habitantes de uma comunidade. Com este trecho do livro fontes históricas com a organização de Pinsky (2008) e outros autores; no tópico arquivos do poder judiciário é importante salientar que muitas vezes dados são apagados sem a conscientização de profissionais que lutam por essas memórias documentais, onde alguns personagens do poder camuflam

acontecimentos ilegais ou falas de alguns homens importantes no meio social, apagando fontes riquíssimas sem o conhecimento de pesquisadores e demais responsáveis por documentações burocráticas. Além disso, percebe-se a importância dos registros históricos que apresentam à população as riquezas da história no decorrer do tempo, apontando sinais, advertências, alertas sobre fatos passados e que nos ajudam a não cometer os mesmos erros no cotidiano.

As fontes históricas são uma ampla maneira de saber como eram as antigas formas e tradições em respeito às crenças dos indivíduos, e ao decorrer do tempo como foram alteradas com as variadas relações sociais que de certa maneira foram perdendo alguns costumes em inventários e testamentos dos quais já não possuem tanta disposição da pessoa que está morrendo em busca de ter um lugar reservado de acordo com sua crença, deixando boas ações ou objetos e fortuna para caridade ou para igrejas como sendo uma forma de “acumular pontos no paraíso”. As relações sociais são meios que buscam base dos arquivos judiciais, quando falamos em atos ilegais. Sejam eles quais foram, mas que precisam ser analisados e vindos a justiça para que haja as devidas punições e cumprimentos da lei para que haja um equilíbrio dentro da sociedade, pois assim o indivíduo que foi prejudicado sente-se mais reconfortante ao saber que a justiça foi feita, ou ainda para que a pessoa que cometeu o ato ilegal possa ter sua punição e desta forma passar por um processo e ser julgado como apto a voltar à se relacionar dentro da sociedade sem cometer erros graves novamente (Bacellar, 2008).

Com isso, podemos citar o caso de Menocchio, o moleiro de Friuli, em Turim que foi acusado de herege e executado pela inquisição, e também;

(...) levado o caso a justiça de Martin Guerre, que acreditava ter descoberto a identidade do impostor: Arnaud du Tilh, apelidado Pansette, um homem com uma má reputação da cidade vizinha de Tilh, na área de Sajas. Que também foi acusado pelas autoridades e punido a morte por ter se passado por outra pessoa e ter sofrido as consequências (MARCOS, et al, 2013).

Outros arquivos para destaque são os Arquivos Cartoriais, como registros civis e

Notas;

Os livros de notas dos tabeliães são preciosos para a análise da sociedade e da economia do passado. Ali se encontram registros de negócios os mais diversos: escrituras de compra de terras, imóveis urbanos e cativos; escrituras de criação de sociedades e de estabelecimento de negócios comerciais; registro de procurações, de cartas de alforrias de escravos, de emancipação de filhos de contratos de casamento, de nascimento, de casamento e de óbito. A multiplicidade de atos é notável, a riqueza de informação também. No período colonial, todos os registros eram feitos em tabeliães únicos, mas, a partir do século XIX, começaram a surgir cartórios especializados, resultando nos atuais de Notas, de Registro de Imóveis, de Registro Civil de Pessoas Naturais, de Protestos de Letras e Títulos (Bacellar, 2008, p.38-39).

São muito ricas as fontes documentais, cheias de detalhes dos mais variados temas, trazendo ao historiador uma paixão e curiosidade sobre papéis antigos de suma importância à acontecimentos passados que trazem relatos riquíssimos e tantas vezes desprezados, como os cartórios possuem uma vasta abordagem dos diversos temas, é importante o historiador analisar a data e o tema ao qual irá trabalhar, para que assim seu trabalho seja facilitado. Como em qualquer local que há ser humano, existem os mais diversos tratamentos, e o historiador deve estar apto a embarcar em seus mais diferentes ambientes, seja no local ao qual pode ser bem recebido ou não, e ainda se haverá um local propício ou não ao que possa começar a pesquisar sobre o material que será analisado.

Fontes Eclesiásticas como os Processos inquisitoriais, correspondências e Registros Paroquiais são documentos de cunho religioso, onde a Igreja Católica é a maior detentora destes, como certidões de casamento, batismo e óbitos. Há o acesso aos documentos e estes variam conforme o ocupante das paróquias, acessibilizando a documentação e o local de pesquisa (Pinsky, 2008).

As pesquisas documentais, mesmo antes das graduações ainda que encontradas de forma desorganizada, puderam ajudar nas pesquisas e arquivos que temos hoje no Brasil, ao que deu início ao Arquivo do Império em (1838);

Os primeiros arquivos reais ou senhoriais surgem, portanto, como fruto da ação cotidiana, em um acúmulo nem sempre organizado. À medida que as estruturas de governo cresciam, com o aumento do corpo de funcionários e das necessidades de cobranças fiscais, o depositar de documentos também se ampliava. Mas o que importa é que tais depósitos ou arquivos atendiam tão-somente às consultas do próprio corpo administrativo, que recorria aos documentos comprobatórios de suas atividades: concessões de títulos e terras, registros fiscais, correspondência. Não havia o caráter de arquivos públicos, mas apenas de arquivos de serviço, internos à crescente burocracia estatal (Pinsky, 2008, p.46).

O trabalho do historiador, mesmo que seja intenso e cansativo, também é recompensador extrair de várias fontes, tratamentos, ambiente uma contribuição para a memória das populações passadas que tanto nos ensinam com suas vivências e pensamentos que nos ajudam a desenvolvermos em sociedade, seja através de leis, deveres e tratamentos éticos. Por mais que as tentativas de preservação de documentos seja enorme, fica inviável um local físico armazenar tanta documentação, e por isso muitas vezes é feito o descarte, por não haver local suficiente para tal ação (Pinsky, 2008).

Os registros históricos expostos em documentos, configura-se como um acervo de

estudo para o historiador entender o passado para relacioná-lo com o presente e futuro, constituído como desafiador o fato de conseguir produzir marcos históricos e documentá-los, elencando assim a história oral, pois nela, o foco será voltado para grupos ou materialidades culturais (Guillen, 2014). Para obtermos dados relevantes para nossa pesquisa, desenvolvemos um questionário com 10 perguntas para ser aplicados com professores da rede básica de ensino da cidade de Codó – MA, questionando aspectos da metodologia da micro-história e de suas complexidades teóricas em sala de aula.

## **CAPÍTULO 2: Perspectivas elencadas por professores da educação básica sobre a micro – história.**

A aplicação do questionário ocorreu de forma impressa bem como disponibilizada por meio de um documento em Word, haja visto que a aplicação ocorreu no início de dezembro de 2023 e já estava se aproximando as férias dos professores, quando muitos iriam viajar. Por isso, tivemos essas duas formas de envio do questionário para eles, para que houvesse mais agilidade na devolutiva. Os docentes tiveram um prazo de até duas semanas para responderem e nos entregar, para melhor apresentação dos resultados, utilizamos quadros, denominamos os Professores participantes de Docente 1 (D1), Docente 2 (D2), Docente 3 (D3), Docente 4 (D4), Docente 5 (D5), e, assim, sucessivamente até o Docente 10 (D10).

O questionário inicia com a seguinte pergunta relacionada a formação do Professor bem como o tempo que ele leciona o Componente Curricular História;

**Quadro 1:** Área de formação e tempo de serviço

<b>Formação</b>	<b>Tempo</b>
<b>D1</b> - Licenciatura em História - UEMA e Mestre em Ensino de História, Memória e Identidade – UEMA.	10 anos
<b>D2</b> - Licenciatura Plena em História – UFMA / Pós-Graduação em História do Brasil, Cultura e Sociedade – UFMA	Não descreveu
<b>D3</b> - Licenciatura em História – UESPI, Mestrado em Antropologia – UFPI e Doutorado em História na UFPA.	15 anos
<b>D4</b> - Licenciatura Plena em História - UEMA	8 anos
<b>D5</b> - Licenciatura em Ciências Humanas/História – UFMA	4 anos

<b>D6</b> – Licenciatura em Ciências Humanas/História – UFMA	3 anos
<b>D7</b> - Licenciatura Plena em História - UEMA/ Pós-Graduação em História do Brasil, Cultura e Sociedade - UFMA.	10 anos
<b>D8</b> – Licenciatura em Ciências Humanas- História - UFMA.	4 anos
<b>D9</b> – Licenciatura Plena em História - UEMA, sou pós-graduado em História do Brasil e em Educação Especial e Inclusiva – UFMA	3 anos
<b>D10</b> - Licenciatura em História – UEMA	Não descreveu

Fonte: Ana Carolina, 2024.

Destacamos neste quadro que os professores são profissionais formados na área de História e lecionam o componente curricular de história e em relação a instituição na qual cursaram o ensino superior, são as seguintes: na Universidade Federal do Maranhão, Universidade Estadual do Maranhão, Universidade Federal do Piauí, alguns contém ainda em seus currículos o título de especialista.

Temos um docente com o título de Doutorado, na qual cursou na Universidade Federal do Pará, pois além de terem a formação básica, é necessário estar em constante busca por um aprendizado. Observamos que dois docentes já atuam na área da educação à muito tempo e outros iniciaram a regência recentemente.

Iniciamos com esta pequena introdução no questionário para melhor conhecermos os participantes, seguindo a sequência das indagações perfazemos agora de forma mais específica à temática desta pesquisa, na qual se refere ao conhecimento individual sobre o que é micro-história e qual o papel do historiador:

**Quadro 2:** Conceitualização de micro-história e o papel do historiador na perspectiva dos docentes.

<b>Definição de Micro-história</b>	<b>Papel do historiador</b>
<b>D1</b> – <i>Uma forma de trabalhar os assim chamados temas locais, presentificados em documentos importantes, como as Diretrizes Curriculares Territoriais.</i>	<i>O historiador tem o papel desafiador de trabalhar em sala de aula, com temas distantes do aluno, tais como Roma ou Grécia antiga, eurocêntricos, portanto, dispares da formação social e ideológica deste discente.</i>

<p><b>D2</b> – <i>É uma metodologia ou prática de ensino da História que leva em consideração fontes e narrativas alternativas, como aspectos do cotidiano, subjetividades, representações e linguagens que constituíram o fazer de um determinado período.</i></p>	<p><i>Ele é responsável por analisar e interpretar os acontecimentos. Sempre de maneira crítica e que leva em conta os possíveis impactos que eles podem ter no presente e futuro.</i></p>
<p><b>D3</b> – <i>A micro-história consiste na tentativa de corrigir alguns aspectos considerados ultrapassados.</i></p>	<p><i>Cabe ao historiador ser a ponte de ligação entre os elos da história.</i></p>

<p><b>D4</b> – A <i>micro - história</i> é uma abordagem historiográfica que se concentra em eventos, pessoas ou comunidades específicas, em vez de se debruçar sobre grandes narrativas históricas. Em vez de focar em figuras históricas proeminentes ou em eventos de grande escala, a <i>micro - história</i> busca entender a vida cotidiana, as experiências individuais e as dinâmicas sociais em um contexto localizado. É como se fosse um <i>zoom</i> na história, permitindo uma compreensão mais detalhada e íntima de aspectos específicos do passado, muitas vezes negligenciados por abordagens mais amplas. Através da <i>micro - história</i>, é possível capturar nuances, complexidades e singularidades que podem ser perdidas em narrativas históricas mais abrangentes.</p>	<p>Os historiadores desempenham um papel fundamental na sociedade, pois são responsáveis por estudar, analisar e interpretar o passado humano. Eles se dedicam a investigar fontes históricas, como documentos, artefatos, relatos e evidências arqueológicas, a fim de reconstruir e compreender os eventos, processos e transformações que moldaram as sociedades ao longo do tempo. Além disso, os historiadores têm a importante tarefa de questionar e revisar interpretações anteriores, buscando novas perspectivas e abordagens para a compreensão do passado. Eles contribuem para a preservação da memória coletiva, ajudando a contextualizar o presente e a projetar possíveis cenários futuros com base nas lições extraídas da história.</p>
<p><b>D5</b> – É uma análise dos elementos do passado de uma forma mais reduzida.</p>	<p>Pesquisar as evidências e assim mostrar a clareza dos fatos.</p>
<p><b>D6</b> – Corresponde a um estudo e análise de um determinado fato, levando em consideração alguns aspectos como a cultura.</p>	<p>Deve ser o de interpretar os fatos de acordo com a perspectiva cultural, política e social de tal ou qual localidade.</p>
<p><b>D7</b> – É a prática de ensino da História que considera as fontes e narrativas alternativas, como aspectos do cotidiano, representações e linguagens que constituíram um marco histórico em um determinado período.</p>	<p>Ele é responsável por analisar e interpretar os acontecimentos de forma crítica e apontando seus impactos nas gerações futuras.</p>
<p><b>D8</b> - <i>Micro-História</i> é o estudo da História de uma forma mais factual, ou seja, uma forma mais minuciosa, na qual avalia as mudanças sociais, culturais e econômicas das sociedades, não somente as grandes estruturas.</p>	<p>O papel do historiador é justamente está atento a essas mudanças na História, analisá-las e assim podemos compreender melhor as civilizações.</p>
<p><b>D9</b> – <i>Micro - história</i> é um estudo concentrado em um determinado povo, acontecimento ou um período mais curto, a fim de esmiuçar aquele momento ou localidade. É entender o modo de vida, as tradições, costumes, o cotidiano daquela</p>	<p>O papel do historiador é pesquisar, coletar dados, examinar e interpretar fontes, ouvir todos os lados da história. Além disso, é papel do historiador mostrar ao mundo os acontecimentos que marcaram a história da</p>

<i>gente de uma forma mais pessoal. Na qual se faz o uso do diálogo com o objeto pesquisado, afim de compreender suas experiências e perspectivas. Assim, a micro história possibilita a inserção dos grupos que por muitos séculos foram subjugados, dando voz a esses grupos, permitindo-os contar a sua versão dos acontecimentos.</i>	<i>humanidade, de maneira precisa e verídica, para que possamos preservar a memória e não repetirmos os erros do passado.</i>
<b>D10</b> - <i>É uma forma de se pesquisar e escrever História na qual a escala de observação é reduzida.</i>	<i>Não descreveu.</i>

Fonte: Ana Carolina, 2024.

Em relação ao papel do historiador na sociedade, fazendo uma relação com o que foi colocado no quadro acima, os autores Coelho e Melo (2017) destacam que o historiador se apropria dos acontecimentos e história do passado para relacioná-los e entender o presente, como também, buscar analisar como a sociedade se apodera do passado e o utiliza em seu cotidiano.

O historiador, é aquele profissional que busca assimilar e entender os fatos e eventos presentes na sociedade, logo, é indispensável que este seja um argumentador, haja visto que, ele é uma personalidade do tempo, colocado de forma inerente no corpo social em uma referida data, com isso, ele não deve ser um agente que represente a neutralidade.

Nota-se que os docentes conseguiram responder a indagação, bem como ficou evidente o entendimento geral sobre a temática, alguns responderam de forma mais sucinta, enquanto outros de forma mais complexas, na qual, o papel do historiador, na visão dos docentes, foi bem descrito.

Quando observamos as respostas dos docentes, fica evidente que o historiador, por meio de seu trabalho bem desenvolvido, pode influenciar no futuro da sociedade através de uma breve viagem ao passado, detalhando acontecimentos históricos que contribuíram para modificar países, estados, cidades, culturas e o comportamento das pessoas, dentre outros fatos, conforme Coelho e Melo (2017), dialogam sobre a importância das memórias que ficam fixadas na mente das pessoas e estas, podem ser socializadas, valorizando assim, a história.

Em sequência temos uma outra pergunta que se refere a visão que a sociedade e os estudantes tem em relação ao historiador.

**Quadro 3:** O que é um historiador na visão da sociedade e dos estudantes.

<b>Como o historiador é visto/conhecido pelos estudantes e pela sociedade.</b>	
<b>D1</b>	<i>Existe uma diferença (eu não diria tão grande), entre aquele que exerce o papel de historiador, pois esse, muitas das vezes está intimamente ligado a pesquisa, e o professor de história, que em alguns casos, é o sujeito que ministra a mesma aula, há vinte anos. Então, quem é mais conhecido pelos alunos, é o professor de história – muito mal visto, por lecionar uma disciplina conhecida como decoreba (o que não é verdade).</i>
<b>D2</b>	<i>Como um profissional que tem como função de analisar criticamente os acontecimentos do passado, para que se possa compreender melhor as civilizações, dos tempos antigos à atualidade, o historiador tem a função também de resgatar e preservar a memória desses povos.</i>
<b>D3</b>	<i>Ele é visto como o mestre do tempo, aquele que tem a capacidade de olhar nos 3 tempos: passado, presente e futuro.</i>
<b>D4</b>	<i>Podemos dizer que hoje, na sociedade em geral, o reconhecimento do papel do historiador pode ser subestimado. Apesar de sua importância, os historiadores muitas vezes não recebem o reconhecimento merecido. Suas contribuições para a compreensão da sociedade, cultura, política e economia são essenciais, mas nem sempre são devidamente valorizadas. Isso pode ser atribuído, em parte, à percepção de que a história é uma disciplina acadêmica distante da realidade cotidiana, ou à falta de compreensão sobre como a história pode informar e enriquecer nossa compreensão do presente. No entanto, há um crescente reconhecimento da importância do trabalho dos historiadores, especialmente no que diz respeito à preservação da memória coletiva, à promoção da consciência histórica e à capacidade de fornecer informações para enfrentar desafios contemporâneos. À medida que a sociedade valoriza cada vez mais a compreensão do passado para orientar o presente e o futuro, acredito que o papel do historiador será cada vez mais reconhecido e apreciado.</i>
<b>D5</b>	<i>Como o responsável pela compreensão e reconstrução dos acontecimentos.</i>
<b>D6</b>	<i>Pelos estudantes não é um agente considerado, não sendo questionada sua existência, ou mesmo como os registros históricos foram feitos ou quem os fez, da mesma forma quando se fala em contexto social, é negligenciado.</i>
<b>D7</b>	<i>Como um profissional consegue analisar, relatar e descrever o passado, narrando da melhor forma, com detalhes, preservando a memória das civilizações e povos passados.</i>
<b>D8</b>	<i>Na verdade, os estudantes da educação básica não têm conhecimentos sobre a função de um historiador, para eles são somente professores de História.</i>
<b>D9</b>	<i>A sociedade tem uma visão recortada sobre o papel do historiador, a grande maioria entende que a nossa função é ensinar e falar sobre o que já aconteceu (não estão errados, porém, não se tem um aprofundamento sobre esses termos, seja por falta de conhecimento ou ignorância). Esse pensamento enraizado nas pessoas acaba sendo perpetuado aos estudantes, e ainda vão além, dizem que é “falar sobre quem já morreu”, “estudar coisa velha” “falar de guerra”. São poucos os alunos que possuem um pensamento diferente, que</i>

	<i>mencionam que é “como surgiu algo” “estudar as coisas como aconteceram” “como chegamos até aqui.</i>
<b>D10</b>	<i>Um profissional que busca estudar o passado para compreender o presente.</i>

**Fonte:** Ana Carolina, 2024.

Podemos ressaltar que a sociedade muitas vezes por desconhecer o papel de um historiador, terminam confundindo o conceito de historiador e do professor de história. De forma a contribuir para uma sociedade mais igualitária e compreendida por pessoas que conheçam a história como ela foi, como ela é e como ela será o historiador desenvolve seu papel com êxito ao realizar suas pesquisas e as publicando e colocando à disposição da sociedade.

O historiador é uma figura que faz, refaz e reconta a história de acordo com os acontecimentos vivenciados e ocorridos da sociedade no dia-a-dia, junto com as pressões sociais, culturais, econômicas e políticas que o cercam. Os docentes relatam que os estudantes desconhecem a real função e o papel de um historiador. Analisando as repostas, fica evidente que existe um desconhecimento por parte dos estudantes sobre a função de um historiador, e este é por vezes, identificado somente como um professor de história que revive o passado, mas sem aprofundamentos significativos, Coeho e Melo (2017) ressaltam, que compreender o tempo retrógrado favorece a compreensão da história presente.

De acordo com Guillen (2014), a área de atuação de um historiador é requerida além da sala de aula, podem atuar em conjunto com a arquitetura, com a cultura popular, na política e com os antropólogos, com isso, podemos perceber o quão reconhecidos devem ser esses profissionais, que ainda têm sua verdadeira história desconhecida por muitos. Como um exemplo claro o que foi discutido acima, o estudo das civilizações e povos antigos que viveram no Brasil, no Maranhão e na cidade de Codó deixaram marcas que contribuíram para vivermos a história que temos hoje.

A próxima pergunta se remete a como a micro-história pode ser trabalhada em sala de aula;

**Quadro 4:** A aplicabilidade da micro-história na sala de aula.

<b>Posicionamentos</b>
<b>D1</b> - <i>A partir de pesquisas concluídas e tendo estas pesquisas, ao alcance da sociedade, dos espaços de ensino aprendizagem, especialmente escolas, institutos etc. pois a partir dessa perspectiva, o olhar para esses temas locais, pode ser fortalecido com discussões e debates, visando os temas nacionais. Entendendo que não existe uma história nacional, sem os temas locais, que constituem a base da historiografia.</i>

<p><b>D2</b> - <i>Partindo de fatos do cotidiano e da compreensão das vivências e representações sociais e culturais individuais.</i></p>
<p><b>D3</b> – <i>Refutando o relativismo e o irracionalismo, levando os alunos a interpretar textos e acontecimentos.</i></p>
<p><b>D4</b> - <i>Uma maneira de abordar a micro - história é através de estudos de caso locais. Isso envolve investigar eventos, pessoas ou comunidades específicas em um contexto histórico mais amplo. Por exemplo, os alunos podem pesquisar a história de uma figura local importante, um evento significativo que ocorreu na região ou as mudanças ao longo do tempo em um local específico. Isso permite que os alunos se conectem mais diretamente com a história, tornando-a mais relevante para suas próprias vidas. Além disso, a micro - história pode ser explorada por meio de fontes primárias, como relatos de testemunhas oculares, cartas, diários e artefatos locais. Isso dá aos alunos a oportunidade de se envolver diretamente com as evidências históricas, desenvolvendo habilidades de análise crítica e interpretação.</i>  <i>Outra abordagem interessante seria incentivar os alunos a realizar entrevistas com membros mais velhos de suas comunidades, a fim de coletar histórias orais e memórias pessoais.</i></p>
<p><b>D5</b> – <i>Através de apresentações de pesquisas envolvendo fatos do passado com relevância no presente até o futuro. Conhecendo antepassados importantes tanto no passado quanto nos dias atuais.</i></p>
<p><b>D6</b> – <i>De forma interdisciplinar com outras disciplinas como geografia, literatura em projetos lúdicos, com apresentações culturais; vídeos, produção de cartazes, desenhos e etc;.</i></p>
<p><b>D7</b> – <i>Fazendo um momento de conexão com os relatos das vivências, acontecimentos históricos e cultural dos estudantes.</i></p>
<p><b>D8</b> - <i>Pode ser trabalhada utilizando a história local da cidade ou povoado dos em que os estudantes residem.</i></p>
<p><b>D9</b> - <i>Na comemoração do aniversário da cidade de Codó, é proposto pela SEMECTI o projeto “Minha cidade tem história”, na qual as escolas e as disciplinas devem elaborar aulas, trabalhos e apresentações voltados para a história local, cultura, economia, religiosidade, meio ambiente.</i>  <i>Ao contrário dos anos anteriores, nesse ano, optei em trabalhar a história do local onde cada aluno reside. Como a escola é uma comunidade rural e atende diversos interiores, elaborei um questionário para eles entrevistarem o morador mais antigo da comunidade em que vivem. As perguntas eram no intuito de saber a origem do nome da localidade, como surgiu o interior, como era o acesso a água, a saúde, escola, meios de transporte, quantidade de habitantes, quais os entretenimentos que lá tem, as mudanças que ocorreram nos últimos anos e o que a comunidade precisa que ainda não tem, bem como a artesanato local, a agropecuária origem e a história da escola que estudam. Além disso, foi solicitado o registro fotográfico de algum ponto da comunidade que residem. Além desses trabalhos sempre busco inseri-los nos assuntos, na aula sobre o que é história, começo pedindo para que cada um conte a sua história e também conto a minha, e explico que a história não se faz somente com as que estão contadas nos livros, mas todo mundo que existe, inclusive eles, fazem parte da história</i></p>

**D10** - *Procuro trabalhar a micro história principalmente quando trabalho a história do Maranhão em especial o município de Codó, ou assuntos alusivos à cultura*

**Fonte:** Ana Carolina, 2024.

Nota-se que por meio das respostas obtidas, que os professores buscam sempre incorporar a micro-história e a historiografia na sala de aula sempre perfazendo uma comparação e uma relação com o passado, o presente e o futuro, e por meio de atitudes como essa, pode desenvolver nos estudantes, uma vontade de seguir esse caminho e se tornar também um historiador, igualmente aconteceu com Alice Canabrava uma historiadora brasileira que teve um professor historiador como à maior inspiração, desde sua forma de agir, falar e sua expressão corporal (Caixeta, 2023).

Em razão das respostas obtidas na pergunta anterior, se fez necessário averiguar dos docentes se existe uma compreensão clara dos alunos com a metodologia adotada e se eles conseguem fazer a aplicação do que foi aprendido, na sua vida, conforme podemos verificar no quadro 4.

**Quadro 5:** Metodologia aplicada e compreensão dos alunos nas aulas de história e a capacidade de empregar esses conhecimentos no seu cotidiano.

<b>Compreensão dos conteúdos por meio da metodologia aplicada em sala de aula e sua aplicabilidade no cotidiano.</b>	
<b>D1</b>	<i>Nunca se viveu um período de escassez de conteúdos e vivências em sociedade como agora. Por muitas razões – falta de material mais apropriado, professores que carecem de melhor formação, para assim assumirem posturas de formador de opiniões críticas, espaços de sala de aula que versem o que é aprendido com o que deve ser vivenciado, conteúdos mais próximos da realidade do aluno.</i>
<b>D2</b>	<i>Sim, pois nesse processo, a didática também possui papel relevante no sentido de possibilitar a transformação de um saber histórico em um saber compreensível e atuante para a compreensão do estudante.</i>
<b>D3</b>	<i>Sim, nesse aspecto a didática é essencial para possibilitar a transformação do contexto histórico e facilita a compreensão.</i>
<b>D4</b>	<i>Alguns estudantes podem achar desafiador entender a micro - história, pois é uma mudança em relação à abordagem tradicional. A complexidade de analisar detalhes específicos pode dificultar a aplicação no cotidiano. Tornar a matéria mais acessível requer esforços extras, como usar exemplos próximos à realidade dos alunos e destacar a importância de eventos locais. A prática constante é fundamental para superar essas dificuldades.</i>

<b>D5</b>	<i>Sim, pois com a apresentação mais sucinta consegue-se atingir de forma ampla a compreensão.</i>
<b>D6</b>	<i>Normalmente não, por conta da falta de tempo e recursos.</i>
<b>D7</b>	<i>Sim, pois a didática influencia muito na forma de compreensão dos estudantes.</i>
<b>D8</b>	<i>Sim.</i>
<b>D9</b>	<i>Na maioria das vezes sim, quando passo trabalho que envolva entrevista, afim de conhecer um pouco da vida deles, eles ficam animados, e acabam descobrindo coisas que eles mesmo não sabiam. Quando abordo os sistemas de plantio e irrigação no Egito Antigo e entre outros períodos, sempre peço para eles me explicarem como fazem para plantar e colher o arroz, milho, feijão e mandioca. E quando mostro que algumas coisas que eles fazem, povos de antigamente também usavam, eles ficam impressionados. Assim faço quando se trata de falar sobre os meios de comunicação de antigamente e os de hoje, as vestimentas, os hábitos de higiene. Tento ser o mais pedagógico o possível nas explicações para que eles compreendam o assunto.</i>
<b>D10</b>	<i>Esse é o objetivo e percebe-se que eles assimilam melhor.</i>

Fonte: Ana Carolina, 2024.

Na tentativa de possibilitar um aprendizado relevante e significativo na vida de seus alunos, os docentes buscam metodologias inovadoras que favoreçam essa aquisição de conhecimento de forma simples e contextualizada, quando a sala de aula se torna um ambiente agradável em que os seus integrantes recebem de forma igualitária a troca de conhecimento socializada pelo docente e isso encanta seus estudantes.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), durante as aulas de histórias, os alunos devem ser estimulados e instigados a realizar a contextualização do presente com o passado, além de aprender a interpretar informações encontradas em diferentes tipos de textos expostos pelos professores e por meio disso, ele vai desenvolvendo aos poucos o senso crítico, passando a se tornar um ser com posicionamento analítico crítico em meio a diversos acontecimentos históricos.

A BNCC menciona como competências específicas no ensino de história;

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas

sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica (BRASIL, 2018).

Adentrando mais ainda na temática, buscou-se compreender se a partir documentos, como imagens/fotos do dia a dia de cada um, se isso facilitaria a compreensão dos estudantes durante as aulas e obtivemos as seguintes respostas;

**Quadro 6:** Com fotos do dia a dia trazendo a história micro e não a macro, é melhor ou não de ser trabalhada com os estudantes?

<b>Compreensão das aulas de história por meio da utilização de imagens e fotos</b>	
<b>D1</b>	<i>Sem dúvidas, a micro história, representa melhor o que estes alunos precisam compreender. Se trata de analisar a partir de perspectivas sociais e econômicas, mais ligadas a construção de sujeitos ausentes dos discursos oficiais. Entendemos ainda que a partir da micro - história, outros elementos da historiografia, estão sendo analisados, como os lugares de memória.</i>
<b>D2</b>	<i>Muito melhor, através da micro - história o estudante não só conhece o saber histórico, mas também se torna um participante ativo no pensar e narrar os fatos históricos.</i>
<b>D3</b>	<i>A utilização de recursos visuais ajuda da fixação de informações.</i>
<b>D5</b>	<i>Com certeza sim, pois trazendo a realidade dos alunos, torna-se mais fácil a absorção dos conteúdos.</i>
<b>D4</b>	<i>Com certeza, o uso de fotos do dia a dia para explorar a história micro é uma abordagem para ser trabalhada com os estudantes. As fotos do cotidiano oferecem uma visão única da história, permitindo que os alunos se conectem de forma mais direta e pessoal com o passado. Ao trazer a micro- história por meio de fotos do dia a dia, os alunos têm a oportunidade de explorar aspectos específicos da vida cotidiana, como moda, transporte, arquitetura, entre outros, que podem não ser tão evidentes em narrativas históricas mais amplas. Isso ajuda a tornar a história próxima e relevante para os alunos, pois eles podem ver como as pessoas comuns viviam e interagem em diferentes épocas.</i>
<b>D6</b>	<i>Poderia ser melhor, mas muitas vezes não temos o livro didático como suporte, assim como a falta de impressora. Então como trabalhar sem esses recursos e sem o Datashow? Estes são alguns fatores de necessidade na educação, a falta de material.</i>
<b>D7</b>	<i>Enfatizou que “Muito melhor, através da micro – história o estudante passa a conhecer os saberes históricos, e começa a se tornar um protagonista de narração de fatos históricos.</i>
<b>D8</b>	<i>Sim! Pois eles conseguem assimilar com mais facilidade as informações.</i>
<b>D9</b>	<i>Sim, as imagens são essenciais durante as aulas, além de lerem o assunto eles podem visualizar o que está sendo dito. Quando trabalho a história de Codó levo muitas imagens e sempre busco colocar o antes e o depois.</i>

<b>D10</b>	<i>Bem melhor.</i>
------------	--------------------

Fonte: Ana Carolina, 2024.

A BNCC (BRASIL, 2018) descreve sobre a valorização da diversificação no modelo de metodologias utilizadas no ensino de história, tudo isso, conforme mencionados por alguns docentes, para facilitar a compreensão dos conteúdos da melhor forma possível, tanto com objetos materiais e imateriais.

Difante (2023) em sua dissertação de mestrado descreveu algumas formas de metodologias ativas que ela utilizava em sala de aula, a fim de dinamizar o processo de ensino, como, propor aos alunos apresentação de seminários, esquemas mentais, vocabulários mais utilizados dentro da história, como também, alguns jogos, para ela, o emprego desta diversidade metodológica favorece com que o aluno seja o responsável pela aquisição de seu conhecimento, se tornando alguém que saiba se impor criticamente e analiticamente em seu contexto histórico. Para que o professor consiga desenvolver práticas como essas durante suas aulas, é essencial que ele saiba planejá-las e esquematizá-las.

Um outro fator relevante que foi destacado no questionário, foi sobre o trabalho em sala de aula com personagens ou a história dos próprios estudantes, se isso faria com que o envolvimento deles nas aulas fossem maiores, e de acordo com essa indagação, obtivemos:

**Quadro 7:** Trabalhar em sala de aula com personagens ou até mesmo a história de alguns estudantes faria o envolvimento deles ser maior?

<b>D1</b>	<i>Certamente sim. É o que foi proposto a partir da disciplina eletiva, fomentada a partir da reforma educacional em 2017, que versa a possibilidade em apresentar ao aluno, condições para seu desenvolvimento. A partir dessa disciplina, o professor pode e deve criar mecanismos para que o aluno seja atribuído ao ambiente dos debates. Diferente dos currículos já prontos, que não deixam espaços para conteúdos que chamem a atenção do aluno.</i>
<b>D2</b>	<i>Sim, quando o conhecimento escolar se aproxima e aproveita-se da história de vida e dos conhecimentos culturais e sociais dos alunos, torna-se muito mais fácil despertar o interesse dos mesmos.</i>
<b>D3</b>	<i>Sim, pois consiste em uma das metas da micro – história. Trabalhando a vida do sujeito em sua individualidade nos dando informações sobre o contexto no qual está inserido.</i>
<b>D4</b>	<i>Sim, trabalhar em sala de aula com personagens ou até mesmo a história de alguns estudantes pode aumentar o envolvimento dos alunos. Ao trazer elementos mais pessoais e próximos da realidade dos estudantes para a sala</i>

	<i>de aula, é possível criar uma conexão com o conteúdo histórico. Ao explorar a história de personagens ou até mesmo de colegas de classe, os alunos podem se identificar mais facilmente com as narrativas históricas. Isso pode gerar um senso de empatia e compreensão mais profunda, à medida que eles relacionam eventos históricos com experiências pessoais ou com as experiências de pessoas que conhecem. Além disso, ao utilizar as histórias de personagens ou colegas, os alunos podem se sentir mais investidos no aprendizado, pois estão explorando algo que lhes é mais familiar e relevante. Isso pode aumentar a motivação e o interesse em aprender sobre o passado, pois eles podem ver como a história se relaciona com suas próprias vidas.</i>
<b>D5</b>	<i>Sim, pois os alunos se entregam mais através da aprendizagem com o uso de suas vivências.</i>
<b>D6</b>	<i>Em parte, sim, pois sempre tem alunos que gostam de interagir e falar a respeito de sua história de vida. Estando dispostos a encenar, mas em contrapartida é algo excludente para os alunos mais tímidos ou vergonhosos.</i>
<b>D7</b>	<i>Sim, quando o professor aborda questões relacionadas ao cotidiano e vivências dos seus estudantes, valoriza-se a cultura e observa-se um maior engajamento por parte deles.</i>
<b>D8</b>	<i>Com certeza, um exemplo disso é quando utilizamos exemplos de vivências da própria vida dos discentes.</i>
<b>D9</b>	<i>Sim, com certeza. No começo eles acham difíceis procurar aprender a sua própria história, com o passar dos dias eles começam a gostar. Em uma das entrevistas que eu pedi para fazerem, um deles levou a foto e a história do vô dele, no intuito de mostrar que ele foi o primeiro morador e quem fundou a comunidade em que vive. Quando faço eles contarem um pouquinho da história, quero que eles entendam que pertencem a história, a história dos pais deles, da família deles, da comunidade deles. Além de terem sua história, procuro sempre frisar nos sonhos, fazendo árvores dos sonhos, para que eles possam expressar seus desejos para o futuro, e que eles têm que traçar uma história para chegar nesse objetivo.</i>
<b>D10</b>	<i>Quando o professor consegue trazer para a sala de aula o dia a dia dos alunos a aula com certeza se torna mais interativa.</i>

**Fonte:** Ana Carolina, 2024.

É notório observar que grande parte dos docentes consideram que é importante introduzir durante suas aulas, uma contextualização com a vida de seus estudantes e isso faz com que eles compreendam e entendam melhor o conteúdo da aula e sejam mais participativos, dinamizando desta forma as aulas, dessa forma, os estudantes se sentem protagonistas no processo de ensino e aprendizagem

Partindo para a próxima pergunta, na qual se refere sobre as estratégias de transformação sobre o caso micro - história, traz novas formas de ver o que na macro – história era imperceptível, com isso, o que pode ser trabalhado dentro de indagações dos estudantes sobre como contar a história da forma de vida simples e de pessoas de baixa renda, por exemplo?

**Quadro 8:** Contextualização da micro – história com o cotidiano dos estudantes.

<b>D1</b> - <i>Um exemplo, a história dos antigos ferroviários, que trabalham na construção da estrada de ferro, a partir de 1895. Caboclos que saíram das zonas distantes dos interiores, e migraram para dentro da cidade em busca de empregos, nas imediações da linha férrea.</i>
<b>D2</b> - <i>A superação da exclusão social, a construção da cidadania a emancipação social e política dos sujeitos históricos. Torna-se importante salientar que cada aula é única e que na realidade em sala, possuímos alunos reais, concretos, afetados pelas influências históricas, sociais, políticas, econômicas, culturais, etc., e estas influências atuam sobre seu modo de ser, ver, compreender e atuar no mundo.</i>
<b>D3</b> - <i>A micro - história nos mostra que a vida de sujeitos na sua individualidade nos dá muitas informações sobre o contexto no qual ele está inserido, a final, os sujeitos são agentes e pacientes do seu tempo.</i>
<b>D4</b> - <i>Ao explorar as estratégias de transformação para trazer à tona o que era imperceptível na macro história, os alunos podem ser incentivados a refletir sobre as seguintes questões como diversidade de experiências, valorização das histórias locais, empatia e compreensão e o papel do historiador. Ao abordar essas indagações, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais crítica e sensível em relação à forma como a história é contada, e como as estratégias de transformação podem ampliar e enriquecer nossa compreensão do passado, especialmente em relação às formas de vida simples e às comunidades de baixa renda.</i>
<b>D5</b> - <i>As histórias de vida das pessoas da comunidade, transformações ao longo do tempo, mudanças e permanência no local.</i>
<b>D6</b> - <i>Pesquisas e registros fotográficos, assim como questionários sociais.</i>
<b>D7</b> - <i>Questões como a construção da cidadania a emancipação social e política dos sujeitos históricos, dentre outras. Nossos alunos não são iguais, cada um tem sua particularidade e características distintas, cada um com sua realidade molda suas influências no meio em que vivem.</i>
<b>D8</b> - <i>Não respondeu.</i>
<b>D9</b> - <i>Procurando primeiramente saber o local onde moram, qual a história daquele povo, quais dificuldades enfrentam, o que já fizeram por eles, quem são seus representantes, o historiador precisa levar a informação as pessoas, para que elas possam contar sua história, de acordo com a idéia que também possuem história. Dizerem porque estão naquela situação, quais os desafios e as perspectivas, ou seja, entender o contexto histórico, social, cultural e econômico</i>

<i>dessas pessoas.</i>
<b>D10</b> - <i>A macro em muitas das vezes deixa eles distante da compreensão enquanto que a micro faz eles entenderem e interagirem rápido.</i>

**Fonte:** Ana Carolina, 2024.

Desenvolver em sala de aula a história local de seus estudantes pode auxiliar uma melhor compreensão da micro - história, aproveitando a riqueza histórica local, costumes, culturas e patrimônios culturais, bem como o contexto social predominante na cidade ou povoado. Finalizando as proposições colocadas aos docentes, foi interessante também os questionar sobre as suas maiores dificuldades de desenvolver em sala de aula essa temática.

**Quadro 9:** Dificuldades presentes a sala de aula para desenvolvimento da temática sobre a micro-história.

<b>D1</b> - <i>Os desafios que a disciplina história tem sofrido. Entre os principais, redução da carga horário nos ambientes de sala de aula. Menos aulas de história, significam menos tempo em trabalhar com um aluno, na perspectiva em torná-lo um sujeito transformador da história presente.</i>
<b>D2</b> - <i>Os livros didáticos adotados na rede, pouco tratam de temas da micro – história.</i>
<b>D3</b> - Não colocou resposta para este questionamento.
<b>D4</b> - <i>A necessidade de equilibrar o enfoque nas histórias individuais e locais com a narrativa histórica mais ampla. A micro - história exige uma mudança de perspectiva, que muitas vezes pode ser desafiadora devido à ênfase tradicional em eventos e figuras históricas mais amplamente reconhecidas. Além disso, a micro - história pode ser desafiadora devido a algumas vezes à disponibilidade limitada de fontes e materiais históricos específicos para cada história individual ou local. Isso pode dificultar a construção de narrativas detalhadas e aprofundadas sobre experiências individuais e comunidades específicas”.</i>
<b>D5</b> - <i>“deficiência de leitura e escrita dos alunos”.</i>
<b>D6</b> - <i>“Maneiras de chamar a atenção e o interesse dos alunos, no pouco tempo, espaço e recursos disponíveis. Pois a História já foi colocada para eles e é repetida pelos mesmos como algo chato”.</i>
<b>D7</b> - <i>“Os livros didáticos adotados na rede, não abordam sobre o tema da micro – história.”</i>
<b>D8</b> - <i>“Muitos conteúdos a serem ministrados, não temos tanto tempo de ministrar de forma factual certos conteúdos”.</i>
<b>D9</b> - <i>“Quando abordo a micro história regional, a dificuldade que tenho é de encontrar material pronto, sobre uma história mais ampla da cidade que envolva a zona rural. Quando decidi focar na comunidade deles, foi porque antes se trabalhava a história da cidade, e excluía a zona rural, e eu percebia que os alunos não tinham muito interesse, pois não era a vivência deles o contexto urbano, muitos nunca vieram a cidade. Pra incluí-los nesse conto histórico, social e cultural, optei em focar na zona rural, por mais que não tenha material de fácil acesso, contornei a situação e fiz os</i>

*próprios alunos a procurarem a saber sua própria história e o resultado foi muito gratificante”.*

**D10** - *“Condições tecnológicas, uma vez que eles na maioria não dispõem de recursos em casa”.*

**Fonte:** Ana Carolina, 2024.

Alguns docentes relatam que os livros didáticos distribuídos pela rede de ensino pouco tratam sobre a micro – história, mas o fato é que realmente este tema não é discutido de forma alguma, dificultando assim, o processo de ensino e aprendizagem, com isso, eles buscam por meio de fontes locais desenvolver essa temática, mas lamentam não terem acesso a materiais prontos, como também destacam a dificuldade de leitura dos alunos, em que a falta de leitura impossibilita que as pessoas adquiram novos conhecimentos, então devido a esses motivos, os docentes buscam meios próprios e mais práticos para trabalhar essa temática na sala de aula.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A micro-história é uma temática relevante a ser considerada, haja visto sua importância para a história e para a sociedade, contudo, os cidadãos ainda desconhecem a sua real importância, dificultando assim, um melhor desenvolvimento da exploração da micro – história no ambiente da sala de aula. De acordo com as análises das respostas obtidas com o questionário aplicado para um grupo de docentes, verificamos que eles tem conhecimento dos conceitos de micro e macro história, reconhecem a importância da sua utilização para a história local, mas lamentam não ter a sua disposição recursos que favoreçam sua discussão temática em sala de aula.

A história local das respectivas cidades e povoados maranhenses são marcos deixados pelas gerações passadas que podem contribuir com saberes e memórias sobre seus personagens significativos, como lideranças comunitárias, professores, mulheres quebradeiras de coco, camponeses, operários, entre outros, para reconhecer o presente e entender como os acontecimentos se passaram, na conexão com a realidade dos estudantes, oriundos da classe trabalhadora.

Podemos ressaltar que, com essa pesquisa conseguimos alcançar os nossos objetivos traçados, analisamos como a micro-história e o papel do historiador são conceituados/entendidos pelos professores de história do município de Codó – MA, embora tivemos um pouco de dificuldade em aplicar os questionários, devido ao dia a dia dos docentes ser muito corrido, mas obtivemos êxito, apresentamos o conceito de

micro-história, detalhando seus impasses e a importância dentro da historiografia, realçamos a importância do historiador com o trabalho das fontes históricas e como os professores de história desenvolvem essa temática em sala de aula.

Os resultados obtidos foram satisfatórios, pois as pesquisas realizadas em história contribuí significativamente para a história local, regional e brasileira, os registros que para muitos eram desconhecidos passam agora a serem reconhecidos e valorizados pela sociedade, nesse aspecto se faz presente o historiador, que com seu legado e conhecimento, colocará em prática todo aprendizado adquirido com o passar dos anos, podendo até despertar em seus estudantes uma vontade de trilhar os mesmos passos.

O papel do historiador não se restringe somente na história, pois, para um melhor desenvolvimento do seu trabalho, ele interage com outras áreas do conhecimento, análises de documentações do passado correlacionando-as com o presente e futuro, tornando-se dessa forma, um ser excepcionalmente importante.

De fato, esta pesquisa enriquece a temática levantada em questão, contribuindo assim como referencial teórico para estudo de outros pesquisadores que desejarem seguir a mesma linha de pesquisa. É necessário criar trajetórias positivas para que se faça história, a fim de que os futuros cidadãos saibam e conheçam o legado deixado por seus ancestrais, a história se faz com seres pensantes, críticos e analíticos, ela não se faz sozinha, se faz com tudo aquilo que vivemos no tempo presente, pois no futuro esse presente se tornará apenas passado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, K. das D. SANTOS, J. A. B. dos. AGUINO, A. D. B. OLIVEIRA, L. A. G. BRITO, W. E. DE. CANABRAVA, L. R. **As contribuições da micro - história e dos processos criminais para o Estudo do cotidiano e das relações sociais.** Disponível em: [http://www.fepeg2014.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo\\_pdf\\_anais/resumo\\_expandido\\_5.pdf](http://www.fepeg2014.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo_pdf_anais/resumo_expandido_5.pdf). Acesso em 08 de set. de 2023.

BARROS, J. D. A. Fontes históricas: Uma introdução a sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e a sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020. Disponível em: | <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo>. Acesso em 25 de set. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CAIXETA, L. J.. **História da historiografia.** Ouro Preto, v. 16, n. 41, e2001, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15848/hh.v16i41.2001>. Acesso em 06 de jul. de 2024.

COELHO, J. P. P. e MELO, J. J. P.. O OFÍCIO DO HISTORIADOR: REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE PASSADO EM SUAS DIMENSÕES SOCIAIS E HISTÓRICAS. Rev. **História e Perspectivas**, Uberlândia (57): 209-232, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/download/35599/22321/179489>. Acesso em 06 de jul. de 2024.

DAVIS, N.. O Retorno de Martin Guerre. Tradução, Denise Bottmann. Rio de Janeiro, **Paz e Terra**, 1987.

DIFANTE, F. A.. Práticas educativas e as inter-relações no ensino de história: metodologias ativas em sala de aula através da educação histórica. **Dissertação de Mestrado**, Santa Maria/RS, 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/29854>. Acesso em: 09 de jul. de 2024.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: **Companhia das Letras**, 1989.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 2º reimpressão. São Paulo, **Editora Companhia das letras**, 2006.

LEVI, G. A Herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do séc. XVII. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2000.

MARCOS, E.; MESSIAS, H.; ABREU, M. R.; GONÇALVES, R.; CABRAL, S.. O Retorno de Martin Guerre. **MÁQUINA DO TEMPO**, 2013. Disponível em: <https://marquinadotempo.blogspot.com/2013/04/o-filme-o-retorno-de-martin-guerre.html>. Acesso em 09 de set. de 2023.

PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). **Fontes históricas**. 2ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008. Vários autores. O livro fontes históricas como fonte. Maria de Lourdes Janotti.

PORTELLI, A. História oral como arte da escuta. [tradução: Ricardo Santhiago]. São Paulo: **Letra e Voz**, 2016. – (Coleção Ideias). Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4496520&forceview=1>. Acesso em 25 de set. de 2023.

REVEL, J. Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: **Fundação Getúlio Vargas**, 1998.

## APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA CENTRO  
DE CIÊNCIAS DE CODÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

### QUESTIONÁRIO

**Coleta de dados para Trabalho de Conclusão de Curso com a seguinte temática: A  
MICRO-HISTÓRIA E O TRABALHO DO HISTORIADOR: Uma análise  
reflexiva dos Professores de História do Município de Codó – MA.**

Me chamo Ana Carolina discente do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da UFMA – Campus Codó - MA e Venho por meio deste, solicitar sua participação em nossa pesquisa, objetivando analisar como a micro – história e o papel do historiador são conceituados/entendidos pelos professores de história do município de Codó – MA.

Lembrando que as identificações permanecerão no anonimato.

Desde já, agradecemos por você disponibilizar um tempo para responder a este questionário.

01. Qual sua área de formação e há quantos anos você leciona o componente curricular história?

---

---

02. Para você, o que é micro – história e qual o papel do historiador?



---

---

---

---

03. Como o historiador é visto/conhecido pelos estudantes e pela sociedade?

---

---

---

---

04. Na sua opinião, como o tema micro – história pode ser trabalhado na sala de aula?

---

---

---

---

---

---

05. Os estudantes conseguem compreender de forma clara com a metodologia desenvolvida na aula e aplicar no seu cotidiano?

---

---

---

---

06. Com fotos do dia a dia trazendo a história micro e não a macro, é melhor ou não de ser trabalhada com os estudantes?

---

---

---

---

07. Trabalhar em sala de aula com personagens ou até mesmo a história de alguns estudantes faria o envolvimento deles ser maior?

---

---

---

---

08. As estratégias de transformação sobre o caso micro, traz novas formas de ver o que na macro era imperceptível, com isso, o que pode ser trabalhado dentro de indagações dos estudantes sobre como contar a história da forma de vida simples e de pessoas de baixa renda por exemplo?

---

---

---

---

09. Qual sua maior dificuldade de desenvolver em sala de aula essa temática?

---

---

---

---